

O diálogo e a vontade política na pesquisa

Dialogue And Political Will In Research

ELIZABETH DE MELO BOMFIM *

O artigo analisa a questão da pesquisa, enfocando os relevantes papéis da suspeita inicial, do diálogo entre sujeito e objeto e da vontade política do pesquisador.

PESQUISA: A BUSCA DO DIALOGO

A pesquisa é uma prática que nos remete, de imediato, ao diálogo. Desde Platão e os ensinamentos socráticos, através da relação mestre-aprendiz, passando por Galileu no «fazer ciência é dialogar com a natureza», a relação sujeito-objeto é dialogante. Esse diálogo é movido pela curiosidade do saber, pela vontade de dominar ou pela necessidade de descobrir. Pesquisar é experimentar fórmulas e caminhos não tentados, é estabelecer relações não ousadas, é interpretar de outra forma ou com outras informações, é buscar no objeto novos ângulos, novas possibilidades que lhe acrescentam um conhecimento. Pesquisar é estabelecer, pela experimentação ou pela meditação, um novo projeto para o objeto, desvendando-lhe algum outro significado.

* Professora do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

A pesquisa não é, necessariamente, um ato científico, isto é, um ato que segue as normas do método científico. Normas filosóficas e normas artísticas prescrevem as pesquisas da filosofia e da arte. A pesquisa é um ato de busca e de nova compreensão dos dados. É um ato de reinterrogação dos postulados e das evidências, uma nova forma de pensar e de fazer.

O pesquisador não inicia seu trabalho, contudo, sem uma interrogação. É necessário ter uma dúvida, uma suspeita, para iniciar a pesquisa. Em geral, esta dúvida surge de informações prévias que incentivam o ato de procura. No início de seu trabalho, o pesquisador parte de um saber que ele reconhece como fragmentário, como insuficiente. É o seu não-saber que o remete à busca, à pesquisa. Como não há teoria exaustiva e como todo conhecimento é provisório — pois haverá sempre um novo saber — o pesquisador lança-se à procura do desconhecido, do misterioso. É a suspeita que o leva a um novo conhecimento, é dissipando as familiaridades que o pesquisador poderá recriar o dado, refazer as conclusões.

Na impossibilidade da neutralidade na busca do conhecimento, já que o pesquisador é um produtor-produto e, como tal, desde o início, constitui-se simultaneamente de si próprio e do outro, toda pesquisa é uma relação ideológico-interpretativa. Uma relação explicativa temporária que está fadada à mudança ante uma nova experiência, uma nova interpretação.

A pesquisa científica é uma pesquisa de circunstância e sujeita a contínua mutação. Seus resultados persistem até que uma nova demonstração seja feita. Feyerabend (1974) sugere um procedimento mais contra-indutivo do que indutivo nas pesquisas científicas. Para o autor, «as crenças que consideramos garantidas não têm mais salvaguarda que um permanente convite a

que se demonstre que são infundadas» (p. 29). Assim, o pesquisador tem que perverter o método científico e reinventar os procedimentos anteriormente utilizados. Neste sentido, reconhece-se o caráter arbitrário das descobertas científicas.

Contudo, Bachelard (1968) afirma que o «verdadeiro pensamento científico é metafisicamente indutivo; conforme mostraremos várias vezes, ele lê o complexo no simples, diz a lei a propósito do fato, a regra a propósito do exemplo» (p. 15). Mas Bachelard reconhece que o método, «seja experimental, seja racional, não está seguro de manter seu valor. Pode-se mesmo ir mais longe: um método excelente acaba por perder sua fecundidade se não se renova seu objeto» (Bachelard, 1968, p. 17).

Portanto, o que é mais forte, mais definitivo na pesquisa científica é a descoberta, o novo dado, a experiência renovada. É aí que a ciência se faz, se constrói, renovando o próprio pensamento científico. O novo saber define novos procedimentos, alterando conceitos e métodos.

É assim que podemos entender a frase de Medawar: «ter idéias é o supremo êxito do cientista». É bem verdade que um árduo caminho se impõe à comprovação e à aplicabilidade das idéias. E o percurso poderá ou não seguir o trajeto pré-estabelecido de determinado método científico.

O conhecimento surge de um desejo, de uma vontade, de uma incerteza. Situado em determinado momento histórico, produzido em determinadas condições sócio-ambientais e fruto de determinado sujeito, o saber científico é atravessado, a todo instante, pelo jogo de interações psicológicas, sociológicas, políticas, ideológicas, etc. Sofre os mesmos condicionantes de qualquer produção social. Assim, na sua impermanência, o conhe-

cimento é uma produção psicossocial que flui, que se acrescenta ou se rompe nos diferentes momentos históricos.

Buscar tecer relações até então inusitadas e estranhas, considerando o acaso, trabalhando com as descontinuidades, com os saldos do saber, parece ser o papel do pesquisador. Ao cientista caberá o discurso da demonstração, da verificação, da comprovação de uma idéia original ou a revelação de um novo caminho percorrido, de uma nova interpretação do objeto pesquisado.

Como uma produção psicossocial, o conhecimento científico, assim como o artístico e o filosófico, resultam de um processo criativo onde estão presentes uma preparação inicial, uma intuição/iluminação criativa, uma verificação e uma formulação teórica. Para o pesquisador, nem sempre há consciência de todo o trajeto da nova formulação e, como ele está sujeito a certos determinantes, sua formulação pode ser um fracasso. Popper (1974) chama a atenção para o fato que «a intuição, indubitavelmente, desempenha grande parte na vida de um cientista, assim como o faz na vida de um poeta. Leva-o a suas descobertas. Mas pode levá-lo a seus fracassos».

Portanto, a pesquisa é um ato de diálogo, de inter-relação com o objeto pesquisado. É um gesto de busca de uma nova compreensão, de uma nova faceta que o objeto possa revelar. Esta nova face do objeto, ao revelar-se, revela também o pesquisador.

VONTADE POLITICA DOS PESQUISADORES

Nas Ciências Humanas e Sociais, a pesquisa científica está, particularmente, impregnada de um caráter social e ideológico. Na impossibilidade de um resultado puro e abstrato, o fruto do trabalho do pesquisador social

é remetido, de imediato, a uma situação social determinada. A reciprocidade entre teoria e prática é constante no fazer científico social. O diálogo científico social envolve, portanto, pesquisador e pesquisado num processo interativo permeado de vontades políticas. Questioná-las e provocá-las é reproblematicar a procura de novos projetos científicos.

As propostas de pesquisas relacionadas às práticas sociais têm apontado, basicamente, em três direções: pesquisa ativa e/ou ação, pesquisa participante e/ou participativa e pesquisa autogestionária.

Pesquisa ativa ou pesquisa-ação foi introduzida na Psicologia Social por Kurt Lewin em projeto de mudanças psicossociais. Objetivando a eficiência na execução de uma tarefa e a introdução de mudanças de hábitos e atitudes, a pesquisa-ação visa, pela persuasão, gerar alterações propostas pelo pesquisador. Projetos de mudanças nos hábitos alimentares e de atitudes em relação às diferenças raciais acompanharam as propostas iniciais da pesquisa-ação em psicossociologia. São exemplos: as pesquisas sobre o consumo de coração de boi de K. Lewin, os estudos sobre decisão de grupo e auto-organização de Bavelas, a formação de quadros dirigentes de Lewin e French, a resistência à mudança de Coch e French, e os trabalhos de Leon Festtinger sobre a integração dos vendedores negros e a consistência de grupo. O pesquisador procura um conhecimento neutro, objetivo e universal, acreditando no privilégio do metarrelato. Parte do pressuposto de que ele, pesquisador, detém o saber — privilégio do saber científico prévio — e a ele cabe o controle das informações adquiridas durante o diálogo de sua pesquisa. Seu projeto educacional é um projeto de treinamento onde estão escamoteadas as diferenças de classes, sexo, etc. Pretende o domínio do conhecimento humano e não o compartilhar deste conhe-

cimento, fornecendo ao pesquisado o mínimo de informação possível. Baseado na teoria funcionalista e/ou behaviorista, o pesquisador segue algumas fases na elaboração de seu projeto de pesquisa: estudo do problema — elaboração de estratégias de ação — aplicação do plano — elaboração da teoria. Os dados científicos resultantes do projeto são divulgados para grupos de especialistas, ficando a informação restrita aos «colégios invisíveis», descritos por Derek Solla Price.

O projeto da pesquisa participante e/ou pesquisa participativa parte da opção e do engajamento político do pesquisador em relação ao objeto pesquisado. Fruto de um pensamento latino-americano, das idéias de Paulo Freire, Fals Borda, Bosco Pinto, Carlos Brandão, Pedro Demo e outros, a pesquisa participante tem por objetivo a melhoria da qualidade de vida dos pesquisados. Identificado com as questões comunitárias, este projeto de pesquisa visa a democratização da informação pelo acesso à produção e divulgação dos dados informativos, estabelecendo uma relação de troca entre pesquisador e pesquisado. Parte do pressuposto de que tanto o pesquisador quanto o pesquisado têm conhecimentos apriorísticos e a pesquisa é um momento de troca entre eles. O projeto político do pesquisador é a promoção da participação política dos pesquisados num envolvimento mútuo pelas transformações sociais. O pesquisador inicia seu trabalho com o levantamento geral das comunidades para a identificação das necessidades básicas. A partir da análise dos problemas, o projeto de pesquisa passa a ser coletivo e, pesquisador e comunidade pesquisada, traçam, em comum, os rumos da pesquisa, elaborando as estratégias de ação. O diálogo é a tônica do projeto educativo a ser realizado, onde é fundamental a vivência prática do pesquisado. Baseados quer na teoria marxista, quer na religião cristã, os pesquisadores propõem a cons-

cientização do pesquisado a partir dos dados coletados em sua pesquisa. Há uma luta explícita contra a exploração político-social-econômica. A qualidade do dado científico está próxima à quantidade de participação alcançada na realização da pesquisa. Identificada com a postura dialética, a pesquisa participante é uma contraproposta de investigação, cujos resultados necessitam, na maioria das vezes, de aperfeiçoamento teórico. Envolvidos intensamente com os pesquisados os cientistas que realizam a pesquisa participante têm, geralmente, se descuidado da elaboração teórica dos dados pesquisados. Contudo, o projeto político, claramente explicitado e comunicado, tem gerado mudanças relevantes na prática de pesquisa científica em Ciências Sociais. As avaliações dos dados científicos já consideram hoje as questões levantadas pelos pesquisadores participantes: a quem serve a pesquisa?, o que acrescenta ao objeto pesquisado?, como transformá-la em uma prática social relevante?.

O projeto de pesquisa autogestionária está fundamentado nas propostas de autonomia e autogestão formuladas por Castoriadis, George Lapassade, René Lourau, Barbier, etc. Partindo do pressuposto de que o conhecimento está subordinado à práxis do grupo, eles reconhecem que os resultados de seus trabalhos têm inserção numa estrutura social englobante. O saber do pesquisador é provisório e inserido nesta estrutura social. O grupo social é autônomo na expressão e na construção de seu saber. O pesquisador é um instigador que privilegia momentos grupais mais significativos. O analista/pesquisador deve estar atento aos instituintes que revigram e recriam a produção social dos grupos. O consenso é um horizonte jamais obtido e há sempre tensão entre os campos sociais. O diálogo é estabelecido pelo dissenso e na contínua possibilidade de recriação.

Estes três projetos de pesquisa científica produzidos nas Ciências Humanas e Sociais refletem as vontades políticas dos diferentes grupos de cientistas e sua inserção em determinado contexto histórico-social. A busca da eficiência na produção norte-americana, a luta contra a miséria político-econômica na América Latina e a procura de saídas criativas para a sociedade européia influenciam os diferentes projetos de pesquisa. É aí que encontramos a criação científica: histórica, ideológica, social e política.

The paper analyses «research», by focussing relevant roles of the triggering doubt, of the dialogue between subject and object, and of the researcher's political will.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968.

FEYERABEND, Paul. **Contra el método**. Barcelona, Editorial Ariel, 1974.

POPPER, K. R. **A sociedade aberta e seus inimigos**. São Paulo, Itatiaia e Edusp, 1974.